

Uma leitura antifilosófica em psicanálise lacaniana:

Algumas contribuições ao debate ontológico

Samuel Barros Rodrigues¹

Evandro de Quadros Cherer²

RESUMO

O presente estudo apresenta a interlocução da psicanálise e de alguns pensamentos filosóficos sob a perspectiva da antifilosofia no ensino de Jacques Lacan. Compreende-se que essa base epistemológica, a antifilosofia, se refere a uma rejeição sistemática da ontologia em psicanálise. Através de um percurso que envolve três importantes tradições filosóficas, a saber, Heráclito, Platão e os estoicos antigos, este estudo demonstra de que modo Lacan elaborou uma recusa da ontologia ocidental predominante. Esta ontologia estabelece que há um ser nas coisas, como se houvesse uma realidade substancial anterior ao discurso. Concluiu-se que, para a teoria lacaniana, o ser só existe em uma dimensão discursiva. Deste modo, primeiro há o discurso, depois a coisa. Portanto, pode-se afirmar que, segundo a perspectiva de Lacan, as coisas só são o que são a partir de um discurso.

PALAVRAS-CHAVE

Antifilosofia; Psicanálise; Ontologia; Ser; Discurso.

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). Lattes: [3610204505393007](#). E-mail: barrosrodrigues34@outlook.com. ORCID: [0009-0000-3033-3015](#).

² Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC/UnB). Lattes: [7429011531881914](#). E-mail: evandro.cherer@ufr.edu.br. ORCID: [0000-0003-1511-5970](#).

An antiphilosophical reading in Lacanian psychoanalysis:

Some contributions to the ontological debate

ABSTRACT

The article presents the interlocution of psychoanalysis and some philosophical thoughts from the perspective of antiphilosophy in Jacques Lacan's teaching. It is understood that this epistemological basis, antiphilosophy, refers to a systematic rejection of ontology in psychoanalysis. Through a path that involves three important philosophical traditions, which are Heraclitus, Plato and the ancient Stoics, this study demonstrates how Lacan elaborated a refusal of the predominant Western ontology. This ontology establishes that there is a being in things, as if there were a substantial reality prior to discourse. It was concluded that, for Lacanian theory, being only exists in a discursive dimension. Thus, first there is discourse, then there are things. Therefore, it can be said that, according to Lacan's perspective, things are only what they are through discourse.

KEYWORDS

Antiphilosophy; Psychoanalysis; Ontology; Being; Discourse.

Recebido: 21/12/2024

Aceito: 16/06/2025

Publicado: 07/10/2025

Doi: <https://doi.org/10.59780/ojve2680>

Introdução

Jacques Lacan fez um emprego particular do pensamento filosófico ocidental, subvertendo-o em função das inovações que propôs ao campo psicanalítico. No contexto de sua releitura da psicanálise, Lacan (1975/2003) indicou as bases epistemológicas utilizadas por ele para sua proposta, a saber, a linguística, a lógica, a topologia e a antifilosofia. Especificamente, esta última base epistemológica se refere a uma rejeição sistemática da dimensão ontológica na psicanálise. Considerando isso, o presente estudo possui como objetivo investigar algumas interlocuções entre psicanálise e antifilosofia. Particularmente, busca-se fazer uma aproximação entre alguns pensamentos filosóficos e a concepção de antifilosofia concernente ao ensino de Jacques Lacan. Para tanto, será realizado um percurso investigativo que contemple três tradições filosóficas, presentes no pensamento de Heráclito, Platão e dos estoicos antigos, que foram objeto de discussão durante o ensino lacaniano, a fim de demonstrar a leitura particular que Lacan produziu a partir de sua perspectiva da antifilosofia, isto é, da sua recusa ontológica na psicanálise.

Tradicionalmente, o surgimento da ontologia ocidental predominante tem sido considerado a partir de Parmênides, cuja tese principal afirma que o ser é e o não ser não é (Chauí, 2018). O termo “ontologia”, porém, surgiu apenas no século XVII, designando os estudos e as teorias sobre o ser. Seguindo a influência parmenidiana, Aristóteles foi o primeiro a fazer uma categorização primordial da realidade (Castro, 2008). Categorizou-a em duas classes de ser: as substâncias individuais e as suas qualidades. Essa ontologia da substância prosseguiu sendo historicamente a perspectiva dominante no Ocidente. É contrapondo-se a ela que Lacan (1975/2003) considerou a antifilosofia como base epistemológica da psicanálise. Isso significa que, em psicanálise, o ser só existe na dimensão discursiva. Deste modo, a realidade, seja ela qual for, se funda a partir de um discurso. Trata-se de uma rejeição sistemática da ontologia, entendida como a perspectiva de que as coisas são o que são, ou seja, que há um ser nelas, um “em si”, denotando uma substância ou matéria que confirma a verdade objetiva delas (Eidelsztein, 2023).

Ao considerar a antifilosofia como base epistemológica, a psicanálise passa a se contrapor a qualquer ideia de essência ou de ser nas coisas. Trata-se de considerar as operações do discurso sobre as coisas, em vez do ser das coisas, como bem postulou Badiou (1997). Neste sentido, implica-se que durante um atendimento psicanalítico, através da concepção de antifilosofia, deve-se recusar tomar as coisas como se houvesse um ser ou uma essência nelas, e que, portanto, elas só podem ser o que são. No contexto clínico, o que se fala em análise não

deve ser tomado como verdade a ser confirmada através de algum artifício, ou como realidade permanente. Em outras palavras, as coisas não possuem um significado pronto ou já dado. O significado será construído pela relação significante. Dizer, por exemplo, que “a vida é conflito” ou “o ser humano é alguma coisa”, sob a perspectiva da antifilosofia, carece de fundamentação material ou substancial em psicanálise lacaniana, tendo em vista que só há realidade a partir de um discurso, o que permite deduzir que há somente uma fundamentação discursiva. Com isso, cumpre-se a relevância de se repensar a teoria e a prática psicanalíticas através da crítica lacaniana em direção ao movimento de ontologização dentro da psicanálise.

Além disso, o presente artigo parte da premissa de que a prática clínica é orientada e criada por uma postulação teórica (Eidelsztein, 2023; Goldenberg, 2019). Portanto, o estudo e o debate acerca dos postulados teóricos são profundamente importantes para o desenvolvimento da prática que lhe é própria. Não se pretende de modo algum, também, um tratamento definitivo de todos os aspectos da antifilosofia subjacente ao ensino lacaniano. Espera-se que este trabalho contribua de maneira significativa para o conhecimento e a prática do campo psicanalítico, assumindo ser esta uma contribuição parcial ao debate entre psicanálise e filosofia, tendo em vista que os filósofos abordados no texto são uma escolha delimitada pelo próprio trabalho e não o conjunto completo deles.

O partido de Heráclito

Heráclito é considerado um dos mais importantes filósofos pré-socráticos (Chauí, 2018). Nasceu na cidade de Éfeso, na antiga região de Jônia, e tudo indica que teve uma vida aristocrática, embora provavelmente tenha se afastado da vida pública pelos conflitos políticos que a região onde vivia enfrentava. Seu pensamento é marcado pela doutrina segundo a qual tudo está em constante mudança (Russell, 2015). Esse aspecto se tornou bastante conhecido na tradição filosófica, e pode ser observado nos fragmentos 50 e 51, respectivamente: “não é possível entrar duas vezes no mesmo rio” e “aos que entram nos mesmos rios afluem outras e outras águas; e os vapores exalam do úmido” (Heráclito, 2002, p. 205). Além disso, encontram-se neste filósofo a exaltação da guerra, como o princípio de todas as coisas, e a valorização dos opostos.

Lacan fez uma referência explícita a Heráclito na aula de 8 de maio de 1973, do *Seminário 20: mais, ainda*, afirmando que “Parmênides estava errado, e Heráclito tinha razão” (1972-1973/1985b). Nesta aula, Lacan discutia de que modo a psicanálise, ou mais especificamente o discurso analítico, poderia ser considerada como ciência. Sua posição

contrária à de Parmênides se deve à coerência interna de seu ensino, cuja principal proposição é recusar a dimensão ontológica no campo da psicanálise. Parmênides é considerado um dos fundadores da ontologia, o estudo do ser, que marcou profundamente o pensamento ocidental (Chauí, 2018). Se de um lado Heráclito afirmara o devir de tudo, do outro lado a tese parmenidiana colocara a permanência das coisas, o que equivaleria a dizer que nada muda. Para Parmênides, a possibilidade de pensar e falar de alguma coisa prova a sua existência, e aquilo que não se pode ser pensado nem falado não existe, portanto. Dessa premissa veio o famoso postulado que afirma que “o ser é e o não ser não é”. A influência do pensamento de Parmênides permaneceu no Ocidente não pela consideração da falta de mudança das coisas, encarada como assaz truculenta, mas sim pela ideia de substância do ser (Russell, 2015). Essa substancialização do ser, localizada no “é”, foi o que Lacan (1972-1973/1985b) procurou criticar no já citado seminário, lamentando o uso disso que ainda se faz na tradição filosófica. Assim, a crítica lacaniana da posição do ser em Parmênides foi em direção àquilo que produz o ser, compreendendo que este só se sustenta em um discurso: “não há nenhuma realidade pré-discursiva. Cada realidade se funda e se define por um discurso” (Lacan, 1972-1973/1985b, p. 45). Diante disso, pode-se declarar que, para a tese lacaniana, o ser é um efeito de dizer (Cassin, 2017). A realidade criada pelo dizer, ou mais conceitualmente pela cadeia significante, será assim confirmada posteriormente nos efeitos produzidos.

Neste sentido, Lacan privilegiou o pensamento de Heráclito, em detrimento de Parmênides, referindo-se diretamente ao popular fragmento 93: “o senhor, de quem é o oráculo, aquele em Delfos, não diz nem oculta, porém, assinala” (Heráclito, 2002, p. 214). A última palavra do fragmento, traduzida por “*signifie*” na edição em francês (Lacan, 1972-1973/1985b, p. 102), remete, na perspectiva lacaniana, ao efeito produzido pelo encadeamento significante. Deste modo, o oráculo de Delfos ocupa o lugar da cadeia significante, que não esconde nada, como o verdadeiro ser, mas cria o significado. Isso condiz com o ensino de Lacan ao fazer com que o significante preceda o significado e o determine, na medida em que o ser se resume a puro efeito de significante (Cassin, 2017).

No *Seminário 8: a transferência*, na aula de 21 de dezembro de 1960, Lacan comentou sobre a formalização da sabedoria nos primórdios da filosofia grega, detendo-se nos filósofos cujo discurso expressava o mundo:

no início deste primeiro passo, da ciência como sabedoria, o Universo aparece como universo de discurso. Num certo sentido, jamais haverá universo senão de discurso. E tudo o que encontramos nessa época, até a definição dos elementos, sejam eles quatro ou mais, traz a marca, o cunho, o selo dessa exigência, desse postulado, de que o universo deve ser entregue à ordem do significante (1960-1961/2010, p. 104).

Com isso, é possível compreender que para o psicanalista francês o ser só existe em uma dimensão discursiva, no sentido de que primeiro vem a palavra, depois a coisa, contrariando a perspectiva ontológica que prevaleceu na filosofia ocidental, na qual se presume geralmente que primeiro se conhece a coisa e depois se faz uma ideia ou palavra para ela (Eidelsztein, 2023).

Em vista disso, convém destacar o uso particular que Lacan fez do pensamento filosófico. Esse uso modifica a tradição filosófica ocidental, pautada em grande parte na dimensão ontológica do ser, recusando a ontologia no campo da psicanálise. Isso equivale a dizer que, para a teoria psicanalítica tal como foi formulada por Lacan, as coisas não são o que são devido a alguma essência própria ou um significado intrínseco, por isso a possibilidade de mudança, de não tomar as coisas como se elas contivessem um “em si”. Só há ser no ser na medida em que assim é dito ou afirmado (Eidelsztein, 2023).

Além disso, Lacan relacionou a dimensão do ser ao discurso do mestre: “toda dimensão do ser se produz por algo que está na linha, na corrente do discurso do mestre” (1972-1973/1985b, p. 98). É o mestre que diz que as coisas são como elas são, proporcionando o terreno para que surjam discursos como “temos que aceitar a vida como ela é”, “a coisa é o que é, não devemos reclamar”. No contexto clínico da psicanálise, tal orientação buscaria a conciliação com o que há de conflituoso na vida ou na busca de uma verdadeira essência da pessoa, o seu verdadeiro ser, para também assim superar o conflito que a levou ao atendimento. Porém, o discurso do analista vai na contramão disso, promovendo o espaço para o incentivo da queixa, a orientação clínica para o conflito e o inconsciente como o discurso do Outro (Eidelsztein, 2023). Neste sentido, o saber do inconsciente, o saber não sabido, advém da direção do tratamento pelo psicanalista, com sua insistente ignorância, que pode chegar a produzir um efeito de verdade (Latorre, 2021). Discurso do analista contra o discurso do mestre, Heráclito triunfando sobre Parmênides.

A forma (ideia) platônica do significante

Platão foi e continua sendo uma das maiores influências para o pensamento filosófico ocidental. Descendente de uma das mais renomadas linhagens aristocráticas, viveu em uma Atenas dividida em razão da Guerra do Peloponeso (Chauí, 2018). Sua filosofia fundou-se na distinção entre realidade e aparência, sendo objeto de interpretações diversas desde que surgiu (Russell, 2015). Dentre os seus principais conceitos filosóficos, se destaca a teoria das ideias ou das formas, exposta de maneira clara no último capítulo do livro *A república* (Platão, 2018).

Nesse capítulo, o personagem Sócrates discute sobre a rejeição da poesia imitativa como a regra que mais lhe agrada. O exemplo da cama é utilizado para demonstrar como as coisas do mundo são apenas aparências que correspondem a uma ideia ou forma verdadeira de cada uma delas. Considera-se que existem muitas camas no mundo, mas todas elas se referem a uma ideia só: a ideia de cama, que é perfeita e por isto possibilita a existência de vários objetos relativos a ela.

A obra de Platão foi citada ao longo de quase todo o ensino de Lacan (Le Gaufey, 1998). Já no primeiro seminário publicado, na aula de 31 de março de 1954, Lacan (1953-1954/2009) citou o filósofo grego depois de relacionar a função simbólica ao que chamou de ideia, que junto à função da imagem, no plano imaginário, desenvolvem a experiência analítica. Seu objetivo foi indicar como o registro simbólico, entendido nesse momento de seu ensino como a ideia ou palavra, estrutura a dimensão imaginária da realidade humana. Desta maneira, o registro simbólico precede e determina o imaginário: “antes da palavra, nada é, nem não é. Tudo já está aí, sem dúvida, mas é somente com a palavra que há coisas que são” (Lacan, 1953-1954/2009, p. 297). Percebe-se que se trata de uma visão antiontológica, pois é a palavra que instaura a dimensão do ser, e não o contrário, como quer a ontologia ocidental. Dito de outro modo, para que o carro, a coisa, exista, é preciso haver uma ideia de carro, como função simbólica, que cria o que se vê como carro, caso contrário não poderia ser alguma coisa. É nesse sentido que Lacan resgatou a teoria platônica das ideias ou das formas, fazendo um uso muito particular dela – pois Platão não se enquadra exatamente em uma antiontologia, para construir uma base epistemológica que recusa a noção ontológica dos conceitos psicanalíticos. Por isso, conceitos como inconsciente, transferência ou pulsão seriam antes de tudo abstrações, que geram efeitos reais na clínica psicanalítica.

Na aula de 15 de março de 1972, Lacan (1971-1972/2012) fez uma longa discussão sobre a existência do Um usando como base de leitura o diálogo *Parmênides*, de Platão. Sua principal conclusão se condensa em dois pontos importantes. Primeiramente, afirmou que Parmênides havia percebido que de todas as substâncias consideradas em sua filosofia, o fator comum seria o fato de ser um produto de discurso: “o passo de Parmênides consistiu em ele perceber que o único fator comum em toda essa substância era ela ser dizível” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 126). Isso significa que, antes de mais nada, a elaboração filosófica parmenidiana acerca das coisas se insere em um campo discursivo, isto é, o próprio fundamento da ontologia ocidental pertence a um discurso (Cassin, 2017). Segundamente, para Lacan, Platão conseguiu demonstrar que a tentativa articulada de discursar sobre alguma coisa produz uma hiância no próprio discurso, sendo dessa hiância que se produz a significação: “o *eidos*, que se traduz impropriamente por *a forma*, é algo que já nos permite a delimitação do que cria uma hiância

no dito” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 127). O *eidos*, a ideia ou forma da teoria platônica, corresponde, portanto, a essa tentativa articulada que cria uma hiância no que se diz e de onde opera a significação. Por exemplo, quando se diz que algo (S1 – significante um) é uma coisa (S2 – significante dois), a hiância, o intervalo entre os elementos (justamente o lugar onde se encontra o “é”), é o resultado de uma articulação (S1 + S2). A partir desta lógica, é possível considerar que o ser é posterior à articulação significante, ou seja, é preciso primeiro haver uma articulação significante para que o ser possa existir (Eidelsztein, 2023). Por isso, a hiância ou o intervalo da relação entre os significantes, na perspectiva lacaniana, não é ontológica (Lacan, 1964/1985a).

Para melhor compreensão desse emprego particular que Lacan fez do pensamento platônico, convém lembrar que a lógica com a qual ele operou provém de sua leitura particular da lógica aritmética de Frege. Em sua investigação acerca do conceito de número, Frege chegou a uma conclusão muito importante para o ensino lacaniano: “no mundo exterior, na totalidade do espacial, não há conceitos, propriedades de conceitos e números” (1884/2021, p. 267). Para o matemático, os conceitos e os números não são espaciais ou físicos, e portanto não existem na realidade. Eles são, antes de tudo, uma criação da lógica aritmética. Deste modo, as leis aritméticas corresponderiam aos juízos analíticos kantianos, o que significa dizer que primeiro precisou haver uma lógica específica, ou leis fundamentadas, para que os números pudessem ser demonstrados ou existir de alguma maneira, e, além disso, ganharem a possibilidade de aplicação. Lacan (1971-1972/2012) introduziu essa lógica fregiana em sua formulação da psicanálise ao propor que a postulação de algo em um discurso produz um sentido. Este sentido, por ser produto de uma lógica discursiva, só pode ser inicialmente suposto na condição de inexistente: “é incrível que tenha sido ao interrogar o número inteiro, ao tentar fazer sua gênese lógica, que Frege foi levado a nada menos do que basear o número 1 no conceito de inexistência” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 54). Inexistência porque não se trata de buscar a confirmação do ser no mundo exterior, ou na realidade, mas de compreender que o fundamento do número 1, ou de qualquer conceito psicanalítico na teoria lacaniana, tem a sua gênese em uma lógica desenvolvida. A resposta lacaniana para a discussão platônica sobre o Um, fazendo referência direta ao *Parmênides* (Platão, 2015), se baseia nessa perspectiva fregiana. O Um surge quando há um dizer, entendido como lógica discursiva, que o circunscreve (Eidelsztein, 2023). Em suma, é o dizer que cria o Um. Por isso Lacan afirmou com todas as letras, isto é, com a lógica discursiva que pôde lhe servir: “Platão era lacaniano” (1971-1972/2012, p. 127).

Considerando essas articulações, convém assinalar que o pensamento de Platão se distancia bastante da elaboração teórica de Lacan. No filósofo grego é possível encontrar

declarações sobre essência, alma imortal, reminiscências, dentre outras que evidentemente contrariam a lógica lacaniana. O que Lacan fez foi relacionar, segundo sua própria leitura particular do filósofo grego, a ideia ou forma da teoria platônica à sua teoria do significante (Eidelsztein, 2023). Assim como a ideia ou a forma vem antes da coisa, primeiro o significante e o Outro para, através deles, a coisa ser o que ela é. Trata-se de uma leitura antifilosófica do ensino lacaniano, indicando que, assim como o conceito de número 1 não existe na realidade senão como produto de um dito ou uma lógica desenvolvida, os conceitos em psicanálise só existem na dimensão do discurso. Primeiro o discurso, depois o ser. Tal leitura desfaz o movimento ontológico tradicional do Ocidente, formulando uma nova teorização do campo psicanalítico. Implica-se, portanto, que aceitar teoricamente ou incentivar intervenções como “a vida é assim”, “meus (ou os seus) pais são o que são”, “a realidade é dura mesmo”, carece de justificativa na teoria lacaniana, pois o ser, ou a realidade, só o é na medida em que é dito.

Deste modo, pode-se afirmar que é o discurso que cria a vida como ela se apresenta, assumindo então que as intervenções em psicanálise lacaniana devem ser guiadas pelo objetivo de transformar a lógica discursiva. Trata-se de intervir nas operações do dizer sobre as coisas, e não partir do ser ou da essência das coisas (Badiou, 1997). Além disso, compreende-se que tal posição epistemológica não implica em uma responsabilização subjetiva, no sentido de que o sofrimento em questão é de responsabilidade da pessoa que buscou atendimento. De maneira radicalmente distinta, se faz necessário concernir o analisante a sua queixa a fim de que o processo analítico seja possível (Bonoris, 2022).

Lacan e os estoicos antigos

Dentre as tradições filosóficas ocidentais, o estoicismo teve uma das histórias mais longas e menos constantes. Os primeiros estoicos, em grande parte, eram sírios, e os últimos, romanos (Russell, 2015). Há muitas mudanças na passagem do estoicismo antigo, incluído, por exemplo, no pensamento de Zenão, Crisipo e Posidônio, para o estoicismo romano, desenvolvido a partir de Sêneca, Epiteto e Marco Aurélio. Estes últimos, do ponto de vista histórico, se tornaram muito mais importantes que os da antiguidade clássica. Entretanto, a influência que convém ser especificada neste estudo está inserida na filosofia dos antigos estoicos: trata-se da teoria dos incorporais.

Segundo Bréhier (2012), a palavra incorporal designava quatro elementos: o exprimível, o vazio, o lugar e o tempo. É sobre a categoria do exprimível que Lacan teorizou o estatuto do significante: “o significante, ninguém o teria contestado se se soubesse fazer reviver esta

palavra do vocabulário estoico” (1964/1985a, p. 149). A primeira consideração importante acerca dos incorporais é que eles não são seres, isto é, eles apenas existem no pensamento e na linguagem, com a possibilidade de serem categorizados como irreais ou abstrações (Bréhier, 2012; Chauí, 2018; Goldenberg, 2019). Sendo adepta do materialismo, onde tudo que existe é corpo, a escola dos estoicos procurou desenvolver a teoria dos incorporais para substituir a proposta platônica das ideias ou das formas. O incorporal exprimível, nesta perspectiva, existe tão somente no pensamento, porém não se confunde com ele ou com a coisa por ele designada. O incorporal exprimível se localizaria no ponto intermediário entre a palavra ou o pensamento e a coisa designada, exatamente o ponto em que a significação é atribuída. Para os estoicos haveria dois gêneros de exprimíveis: o exprimível incompleto, que são os “atributos de juízo, enunciados nos verbos sem sujeito” (Bréhier, 2012, p. 33), quando se diz, por exemplo, “escreve, fala”; e o exprimível completo, que se refere ao verbo acompanhado de seu sujeito. A título de exemplo, Bréhier citou que certos megáricos, de quem os estoicos antigos conservaram alguma influência, tinham a preferência de dizer “a árvore verdeja” em vez de “a árvore é verde” (2012, p. 34). Ao trocar a cópula “é” por um verbo, o atributo “verde” não fica mais em evidência, como um conceito aristotélico, isto é, algo substancial, e em seu lugar se tem apenas um fato ou acontecimento. Desta forma, o predicado deixa de ser uma substância, uma realidade verificável ou um conceito; em vez disso, ele é um incorporal, existindo somente no pensamento. Ainda segundo o autor, a ciência tradicional condicionou a ideia de que a verdadeira realidade estaria nos fatos ou nos acontecimentos. Rejeitando completamente essa ideia, a lógica estoica antiga entendia que os fatos ou os acontecimentos só existem no pensamento, porquanto seu atributo lógico e objetivo concerne a nenhuma realidade verificável.

Na aula de 7 de abril de 1965, Lacan indicou o termo λεκτόν (exprimível) como aquilo que, na tradição estoica, representa sua noção de significante: “esta teoria do significante que já os estoicos e nomeadamente, por exemplo, um Chrysippe [Crisipo] levaram a um extremo ponto de perfeição” (1964-1965/2006, p. 282). A referência ao incorporal estoico denota que o significante, para a psicanálise lacaniana, não se confunde com a palavra ou com qualquer elemento substancial. Não poderia também ser apenas uma imagem acústica, que é remetido a um significado, tal como se define na linguística tradicional de Saussure (1916/2012). A priori, um significante não é nada: “todo verdadeiro significante é, enquanto tal, um significante que não significa nada” (Lacan, 1955-1956/1988); ele coloca-se inicialmente, portanto, no nível do “não ser”. Ele só passa a ser quando significa alguma coisa, e isto ele jamais pode fazer sozinho (Andrade; Lang, 2019); é preciso que haja ao menos dois, formando o elemento de uma cadeia (S1, S2), para que desta relação covariante surja um efeito de significação (Goldenberg, 2019).

Com isso, pode-se dizer que a existência do significante não se sustenta em nenhuma substância ou matéria, o que permite concluir que está fora da alçada ontológica que se popularizou no pensamento ocidental. A única materialidade possível do ser, no entendimento da psicanálise lacaniana, está no discurso: “é o mundo das palavras que cria o mundo das coisas” (Lacan, 1953/1998).

Outra referência importante, que neste caso se refere à função do significante, se encontra na aula de 7 de dezembro de 1966, onde Lacan discutiu sobre a relação do significante com a verdade, afirmando que “isso não tem sido articulado com uma tal força em parte alguma melhor que nos estoicos” (1966-1967/2008, p. 76). Como demonstrou Bréhier (2012), o juízo também faz parte dos exprimíveis, um dos incorporais. Portanto, os juízos são proposições de fato, existentes apenas no pensamento, e não dependem de nenhuma implicação material. Eles não exprimem alguma coisa ou uma realidade; em vez disso, eles exprimem tão somente a lógica interna à linguagem que une as proposições, por exemplo, quando se diz “o clima é bom”. Nesta afirmação, o juízo é verdadeiro (ou não), e não a realidade ou a coisa em si que é designada, neste caso, o clima. Ele é verdadeiro, caso se vincule à coisa designada, que gera o efeito de significação, ou é falso caso não se vincule. Em outras palavras, é o fato de dizer que pode ou não ser verdade, jamais a sua implicação material.

Foi esta lógica que Lacan introduziu em seu ensino sobre o significante, para demonstrar que “o fundamento da lógica não é para se tomar em outro lugar senão na articulação da linguagem, na cadeia significante” (1966-1967/2008, p. 77). Assim, o que é verdadeiro e o que é falso só se sustentam em um discurso. Diferente seria considerar que a verdade poderia estar em uma suposta realidade objetiva e material, consideração que é lugar comum na ontologia ocidental predominante. Portanto, em psicanálise lacaniana, não se trata de buscar a verdade em uma realidade nua e crua, como se houvesse uma substância, seja o corpo físico ou as coisas em geral, que corresponderia ao objetivo último. A verdade só existe em seu próprio discurso: “nenhuma verdade pode ser localizada a não ser no campo onde ela se enuncia” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 59). De certa maneira, isso contraria o movimento ontológico que imperou no Ocidente, cuja tese do ser criou uma correspondência substancial do discurso com as coisas enunciadas. Em oposição a isso, na teoria lacaniana a única verdade é o fato de dizer (Cassin, 2017). Neste sentido, não condiz com a psicanálise assumir que as coisas são o que são, atitude que a colocaria em acordo com a ontologia predominante no Ocidente. Ao desfazer a inerência entre a fala e as coisas enunciadas, a tese lacaniana propõe que tudo em psicanálise seja da ordem do significante, e que por si só, não significando nada, consegue transformar o sentido do que se diz.

Considerações finais

Este estudo buscou investigar algumas interlocuções entre psicanálise e antifilosofia. Particularmente, buscou-se fazer uma aproximação entre alguns pensamentos filosóficos e a concepção de antifilosofia concernente ao ensino de Jacques Lacan. Compreende-se que Lacan desenvolveu sua leitura particular de alguns filósofos a fim de recusar ao campo da psicanálise a dimensão ontológica predominante no Ocidente. Esta dimensão estabelece que há um ser nas coisas, um “em si” como substância ou essência que garante a sua existência. Segundo a perspectiva lacaniana, o ser das coisas se funda somente a partir de um discurso. Deste modo, primeiro há o discurso, depois a realidade.

Com isso, este estudo expôs alguns conceitos filosóficos, presentes no pensamento de Heráclito, Platão e dos estoicos antigos, para demonstrar de que modo Lacan fez uso deles para elaborar a antifilosofia como base epistemológica da psicanálise. Em primeiro lugar, verificou-se que há, no ensino de Lacan, a preferência pela filosofia de Heráclito em detrimento da de Parmênides, cuja principal tese diz que o ser é e o não ser não é. Para Lacan, não há nenhuma realidade para além do discurso. Logo, o ser só é na medida em que há um discurso para sustentá-lo. Em outras palavras, o ser é apenas um efeito do dizer.

Em segundo lugar, buscou-se evidenciar como a teoria das ideias ou das formas de Platão, um dos filósofos mais citados pelo psicanalista francês, se relaciona com a teoria do significante de Lacan. A ideia ou forma do pensamento platônico corresponderia à função simbólica que precede e determina o imaginário. Assim, é o registro simbólico que cria a dimensão do ser, e não o contrário, tal como se entende geralmente no movimento predominante da ontologia ocidental. Esta, em vez de considerar primeiro a palavra, depois o ser, compreende que primeiro há o ser ou a coisa e só depois se faz uma ideia ou palavra sobre ela. Além disso, ao considerar a discussão acerca do Um em um dos diálogos de Platão, Lacan indicou que a ideia ou forma da teoria platônica seria uma tentativa articulada de discurso que cria uma hiância, sendo esta a responsável por operar a significação. Trata-se, portanto, de uma articulação significante que produz o significado. O ser, então, seria apenas o efeito desta articulação, ou seja, ele é posterior ao discurso que o circunscreve. Fora dessa dimensão discursiva, o ser não seria nada.

Lacan operou essa relação a partir da lógica aritmética fregiana, cuja tese afirma que no mundo exterior ou na realidade não existem conceitos e números. Eles são apenas produto de uma lógica específica. Neste sentido, entende-se que é preciso primeiro haver uma lógica determinada para que algo como o conceito ou o número possa existir. Tal entendimento vai na

contramão da ontologia ocidental predominante, considerando que, em psicanálise, o que se diz, ou os seus conceitos, não possui um ser “em si”, em vez disso, ele se funda a partir de um discurso.

Por fim, considerou-se a teoria dos incorporais do estoicismo antigo. Esta teoria versava sobre quatro elementos: o vazio, o tempo, o lugar e o exprimível. É sobre este último que Lacan teorizou acerca do significante, que não se confunde com a palavra ou com qualquer substância ou matéria. Com isso, buscou-se demonstrar como a existência do significante, na perspectiva lacaniana, se sustenta tão somente no discurso que o cria, fora de qualquer dimensão substancial.

Concluiu-se que a leitura particular de Lacan sobre os filósofos condiz com a sua perspectiva antifilosófica, estabelecendo uma recusa sistemática da ontologia dentro do campo psicanalítico. Sendo assim, o que se diz em análise, ou os próprios conceitos psicanalíticos, não se referem a nenhuma realidade verificável, como se fosse possível encontrar um ser verdadeiro para eles. Para Lacan, é a dimensão do discurso que cria a realidade, e não o contrário. Portanto, deve-se considerar que a antifilosofia, como uma base epistemológica, desfaz a atitude ontológica de enunciar que as coisas são o que são, pois elas só podem ser na medida em que há uma articulação significativa que as produz.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Hudson Vieira de; LANG, Charles Elias. Formalização e clínica psicanalítica: a estrutura, o significante e o sujeito. *Cadernos de psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, p. 99-119, jan./jun. 2019.

BADIOU, Alain. Lacan – a antifilosofia e o real como ato. Trad. Analucia Teixeira Ribeiro. In: LETRA Freudiana. Escola, psicanálise e transmissão. Ano XVI – nº 22. *Colóquio Psicanálise e Filosofia* – sujeito e linguagem. Rio de Janeiro: Revinter, 1997, p. 3-26.

BONORIS, Bruno Javier. *¿Qué hace un psicoanalista?: sobre los problemas técnicos*. Buenos Aires: Tomás Pal, 2022.

BREHIÉR, Émile. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Trad. Fernando Padrão Figueiredo e José Eduardo Pimentel Filho. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CASSIN, Barbara. *Jacques, o sofista: Lacan, logos e psicanálise*. Trad. Yolanda Vilela. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CASTRO, Susana de. *Ontologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

EIDELSZTEIN, Alfredo. *Outro Lacan: estudo crítico sobre os fundamentos da psicanálise lacaniana*. São Paulo: Toro, 2023.

FREGE, Gottlob. *Os fundamentos da aritmética: uma investigação lógico-matemática sobre o conceito de número* [1884]. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: LF, 2021.

GOLDENBERG, Ricardo. *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

HERÁCLITO. *Fragmentos contextualizados*. Trad., apresentação e comentário Alexandre Costa. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [1953]. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-324.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* [1953-1954]. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: as psicoses* [1955-1956]. Trad. Aluísio Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 8: a transferência* [1960-1961]. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 12: problemas cruciais para a psicanálise* [1964-1965]. Trad. Cláudia Lemos *et al.* Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2006.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 14: a lógica do fantasma* [1966-1967]. Trad. Amélia Lyra *et al.* Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* [1969-1970]. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 19: ...ou pior* [1971-1972]. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. Trad. M. D. Magno. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985b.

LACAN, Jacques. *Séminaire 20: encore*. [S.l.: s.n.], [1972-1973]. Disponível em: <http://staferla.free.fr>. Acesso em: 16 dez. 2024.

LACAN, Jacques. Talvez em Vincennes... [1975]. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 316-8.

LATORRE, Mariana. Recalque x saber não sabido. In: COLARES, Karime; DUTRA, Flávia; MEZZA, Martín (Org.). *Lacan: a revolução negada*. Curitiba: CRV, 2021, p. 147-60.

LE GAUFEY, Guy. *Index des noms propres et titres d'ouvrages dans l'ensemble des séminaires de Jacques Lacan*. Paris: EPEL, 1998.

PLATÃO. *A república*. Trad. Leonel Vallandro. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

PLATÃO. Parmênides. In: PLATÃO. *Diálogos IV*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2015.

RUSSELL, Bertrand. *História da filosofia ocidental*. Trad. Hugo Langone. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.